

CIA TEATRO-ESPLendor  
APRESENTA

A close-up photograph of a white lamb's face, looking directly at the camera. The lamb's eyes are dark and appear to be bleeding, with thick, dark red blood dripping down from both eyes. The lamb's fur is thick and white, with some brown patches on its ears. The background is a plain, light color.

UM  
TARTUFO

CRÍTICA **TEATRO** UM TARTUFO

CLAUDIA CHAVES\*

Especial para o JB

# Sem palavras

Molière, o dramaturgo francês do século XVII, conseguiu trazer ao palco os elementos da commedia dell'arte, o gênero popular que não frequentava os grandes salões da nobreza. Sua obra corresponde, do ponto de vista da cultura, à transição social da época, com a introdução dos tipos burgueses, a nova classe que se anuncia. As peças com títulos adjetivados como "As preciosas ridículas" e "O avaro" criam importantes estereótipos que permanecem vivos até hoje. Mas, particularmente, um personagem salta do prenome para o adjetivo/substantivo que representa um caráter particular facilmente encontrável em nossa sociedade. Tartufo torna-se uma nomeação, um conceito para pessoas que enganam e exploram as outras.

Para comemorar os dez anos da Cia. Teatro Esplendor, Bruce Gomlevsky ousa em uma versão de Tartufo, na qual os diálogos são substituídos pela mímica. Contar uma história, ainda que possivelmente conhecida, apenas com gestos é um ato forte, de coragem, pois recupera, ao mesmo tempo, importantes tradições do teatro mundial - a mímica era presente nos teatros de Dionísio, na commedia dell'arte e no kabuki japonês. A caracterização exagerada na maquiagem, nos figurinos estilizados denunciam uma França rural de nosso imaginário, as idades, os sexos, a situação social. Não há qualquer necessidade de palavra. A música contemporânea do esloveno Borut Krziznik realiza a perfeita integração entre palavra e gesto, o ritmo de representação e o impacto das viradas do enredo.

A criatividade transbordante de "Um tartufo" é apoiada pelo elenco, que é capaz de forma afinada de mostrar a comédia satírica que é o texto, mas também das situações dramáticas dos personagens pelas manipulações de Tartufo, brilhantemente interpretado por Yasmin Gomlevsky. Um nobre senhor Orgonte (Gustavo Damasceno), franqueia sua vida e sua fortuna a um falso religioso Tartufo que lhe toma a filha Mariana (Nuaj Del Fiol) e mulher Elmira (Patrícia Callai). A presença dos tipos populares como Dorina (Thiago Guerrante) e Cleanto (Ricardo Lopes) vai além de se ter tipos cômicos. Thiago realiza uma Dorina de passo miúdo, uma



Nesta montagem de "Tartufo", a mímica substitui o texto clássico de Molière

criada que é o olhar de quem não se engana. E o Cleanto de Ricardo Lopes que está caracterizado como um preto velho manco tem das melhores interpretações corporais já vistas.

A direção de Bruce Gomlevsky trabalha com todas as dimensões que o texto de Molière anuncia. A prepotência da nova classe dominante, a burguesia que se acha proprietária dos bens, mas também da vida de todos. A pulsão sexual desenfreada, sem limites, de Elmira em contraste com o amor romântico de Mariana e Valério (Gustavo Luz). O filho mimado Damis (Felipe de Barros), totalmente inútil e simplório. A religião que engana, os falsos messias que prometem a vida eterna, que envolvem as pessoas para lhes tomar os bens da vida presente. A manipulação é o tema principal que se traduz nos atores que nos parecem bonecos de fantoches. E só o corpo, os olhares, nos fazem apreciar a expressão nua e crua de teatro: a dimensão absoluta da pessoa, do seu corpo ali à nossa frente como o meio de nos emocionar e aplaudir de pé. Bravo Bruce!

**Serviço**

## UM TARTUFO

Teatro Poeirinha (R. São João Batista, 104 - Botafogo; Tel: 2537-8053). Qua. a sáb., às 21h, dom., às 19h. (este mês). Ter. a qui., às 19h (em outubro). Ingressos a R\$ 50 e R\$ 60 (sex. a dom.).

# O mergulho silencioso de "Tartufo"

**Teatro** Montagem de Bruce Gomlevsky não tem diálogos. Por **Fernando Carneiro**, para o Valor, do Rio

"Tartufo" De Molière. Direção de Bruce Gomlevsky. No Teatro Poeira (r. São João Batista, 104, Rio). Tel. (21) 2537-8053

Bruce Gomlevsky mais uma vez se superou. Montou um "Tartufo", de Molière, mudo. Por definição, um tartufo incomoda. Para tal, todas as armas devem estar à disposição. Um hipócrita, dissimulado e fingido. Mas também a peça quase que de resistência na teatrologia de Molière. Não se pode perder esse trem verbal. Pois é um "Tartufo", substantivo próprio, e também teratológico — posto que a peça não tem texto, não se utiliza de palavras, e assim temos um "Tartufo" único.

Como explica Gomlevsky, diretor e idealizador da peça: "Aos poucos o espetáculo foi nascendo através das ações dos personagens e começamos a nos perguntar se ele se sustentaria sem palavras. A ideia inicial era compor a estrutura de ações físicas e juntá-la com o texto de Molière, mas o desafio de contar uma história que fosse legível, sem hermetismo, e sem diálogos falados, começou a nos desafiar."

Esse mergulho no silêncio de um contexto "sem texto" teve pitadas chaplinianas por certo e, segundo o

diretor, referências distintas como a máscara balinesa, capoeira, religiosidade e treinamento e marcação física rigorosa. Como em tudo que Gomlevsky faz, temos uma traição para se manter o mais fiel possível ao original — uma reflexão corriqueira nas peças em que monta. Desde a montagem que fez de "Festa de Família", de Thomas Vinterberg em 2009, arrebatadora, um teatro superlativo no padrão de total qualidade cênica (incluindo atores e texto), o seu trabalho segue por veredas desafiadoras e instigantes para o teatro independente carioca.

Essa grife que ele empresta às peças, torna-se uma marca escorreta, sem dúvida, porém abarcando muitas variáveis e tendências. Sempre temos uma surpresa, e mesmo a plateia mais douda e criteriosa é levada à beira de um abismo.

Não sem surpresa, descobrimos que "Tartufo" foi a última peça dirigida por Stanislavsky e seu núcleo mais íntimo de colaboradores. Não se diz que a melhor maneira de conhecer um ser humano é através de suas ações, e não suas palavras? Pois o diretor levou isso ao pé da ação.... Somos brindados com pastor

evangélico, preto velho, imã muçulmano, padre, guarda pretoriana empunhando AK-47, famílias impressionáveis, jovens ardendo de amor, trapaças, e desde a mais pura fidelidade ao completo caos comportamental. Leva-se a cabo tal façanha com música original de Borut Krzishnik, e cenário de Bel Lobo e do próprio diretor. O ambiente é negro e sombrio. Temos pouca luz, pois os personagens vivem na escuridão pessoal. Esse peso enorme é passado ao espectador. Este agoniza, mas não morre, como na música-gênero do balneário em que a peça é encenada.

Assim como Molière foi forçado a mudar o final de sua peça para criar um final feliz, por desagradar o poderoso prelado à época, Gomlevsky conta que o atual espetáculo, estrelado pela Cia. Teatro Esplendor, venceu o edital da Prefeitura do Rio de Janeiro para sua montagem, em 2016. O edital não foi pago até hoje, e os atores e profissionais laboraram por amor, com muito sacrifício. O paralelo, mesmo em momentos de atual penúria completa, não pode passar despercebido. Essa crítica ao poder constituído, no âmago da peça,

nos deixa claro que enquanto houver seres humanos, haverá Deus, fundamentalismo e hipocrisia, como afirma o diretor.

"Tartufo" trata a questão do desespero e fundamentalismo, em que personagens lidam com pessoas à mercê de um líder sem vergonha, cerimônia e escrúpulos. Imbuído e movido pelo mais vil e sórdido desejo humano, porém com um verniz teológico e eclesiástico em cada passo e ação. Todos os pecados capitais estão à mostra, quase que numa vitrine de ações, causando assombro e desconforto. A própria maneira de lidar com reveses, ao sermos subjugados por forças aparentemente maiores que a moralidade e a sanidade, são postas à prova.

Nesses tempos em que flertamos, fora do palco e da arena, com arbitrariedades máximas no campo político, quando todos parecem estar sufocados e — no meio de tanto palavrório — sem voz, o contraponto desse "Tartufo" é perfeito. Sua eloquência muito nos ensina. A temporada segue no Teatro Poeirinha em Botafogo, corram pois. Até 23 de outubro. ■



"Tartufo" trata a questão do desespero e fundamentalismo, em que personagens lidam com pessoas à mercê de um líder sem vergonha, cerimônia e escrúpulos

Sexta-feira, 28 de setembro de 2018

CRÍTICA/  
"Um Tartufo"

## Crônica de uma tragédia anunciada

PATRICK PESSOA [segundocaderno@oglobo.com.br](mailto:segundocaderno@oglobo.com.br)

Orgonte, um abastado pai de família, acolhe em sua casa um "falso devoto", como Tartufo é caracterizado na lista de personagens da peça "O Tartufo", de Molière, encenada pela primeira vez em 1664 diante de Luís XIV, o Rei Sol, e logo censurada devido à pressão do Arcebispo de Paris. A fé cega de Orgonte em seu novo guia espiritual faz com que ele acabe doando todo o seu patrimônio a Tartufo. Este, para possuir também a mulher de Orgonte, maquina a prisão daquele crédulo homem de bem. O final da história teria sido trágico se, nas últimas réplicas da peça, Molière arbitrariamente não tivesse tirado da cartola um deus ex machina, um enviado do prínci-

pe que, contrariando a lógica do enredo construído até então, em vez de prender Orgonte, desmascara Tartufo como um golpista profissional e finalmente o leva preso.

Esse "final feliz" foi fruto de uma concessão de Molière às objeções dos donos do poder em sua época. Com essa concessão, em 1669 a peça foi finalmente liberada para uma série de apresentações públicas e obteve tamanho sucesso que o nome do personagem-título acabou por se converter em um substantivo comum. Tartufo é "(1) aquele que é hipócrita; indivíduo que dissimula ou engana; (2) beato falso, devoto enganador".

"Um Tartufo", adaptação do clássico de Molière reali-



**Som e fúria.** Adaptação da peça de Molière dirigida por Bruce Gomlevsky. "Um Tartufo" é um libelo antifascista

zada coletivamente pela Cia Teatro Esplendor e dirigida por Bruce Gomlevsky, subverte já no título o original francês do século XVII, sugerindo que, hoje, um outro tartufo roubou o posto do Tartufo original. O enredo da peça pode ser lido como um retrato da ascensão desse outro tartufo, cuja identidade não é difícil de descobrir no contexto político do Brasil atual.

Embora fiel à progressão dramática da peça de Molière, a adaptação da Cia Teatro Esplendor toma a louvável liberdade de propor um outro final, antes trágico do que cômico, deixando claro que o respeito às grandes obras da tradição dramática não deve ser confundido com subserviência. Os clássicos só permanecerão clássicos enquanto forem capazes de iluminar o

presente e isso, muitas vezes, implica a necessidade de cortes e modificações. Esse outro final confronta os espectadores com uma questão até certo ponto aterrorizante: como seria viver sob um regime assumidamente fascista?

Em sua montagem, a Cia Teatro Esplendor não apenas deu ao original de Molière as tintas de uma distopia política contemporânea, mas também

suprimiu todos os diálogos da peça. No lugar das palavras, facilmente manipuláveis, ficaram só os gestos, muito mais aptos a revelar quem alguém realmente é. Gestos executados com precisão absoluta pelos oito integrantes do elenco, com destaque para Yasmin Gomlevsky. Gestos cujo alcance é amplificado pelas máscaras (de Mona Magalhães) e figurinos (de Maria Duarte e Márcia Pitanga) — que remetem ao cinema expressionista alemão e ao mundo de Tim Burton —, pelo desenho de luz (de Elisa Tandeta) e sobretudo pela música (de Borut Krziznik), fundamental na construção do clima sombrio de um espetáculo que, embora mudo, é cheio de som e fúria.

Neste momento decisivo de nossa vida política, trata-se de espetáculo imprescindível.



**Onde:** Poeirinha — Rua São João Batista 104, Botafogo (2537-8053).

**Quando:** Qua, a sáb., às 21h; dom., às 19h. Até 24/10. **Quanto:** R\$ 60.

**Classificação:** 14 anos.

DIVULGAÇÃO/DALTON VALERIO

ARTES CÊNICAS

# 'Um Tartufo' e 'Esperança na Revolta' lideram indicações ao Prêmio Shell-Rio

Troféu de teatro divulgou a lista de indicados ao 2º semestre

## Prêmio Shell - Indicações

Melhor Figurino

Melhor Iluminação

Inovação - maquiagem

## Prêmio Cesgranrio

Melhor Figurino

